



# O Gaiato

**PORTE PAGO**

Quinzenário \* 7 de Janeiro de 1984 \* Ano XL — N.º 1039 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## OBRA DA RUA

### • 44 anos

Mãos postas,  
Pai Américo  
afirma  
como quem reza:  
— Este nome  
**OBRA DA RUA**  
é todo um  
programa  
do Evangelho  
que trata  
de consolar  
os humildes  
onde quer que  
os veja caídos.

Este nome OBRA DA RUA é todo um programa do Evangelho que trata de consolar os humildes onde quer que os veja caídos.

E' assistência apaixonada a brotar do coração e a correr naturalmente, dando-se e vendendo, como faz a água das fontes em cursos silenciosos.

Caótica em seus primórdios, tomou mais tarde feição ordenada e hoje desdobra-se em vários capítulos que são outros tantos redutos de amor:

— Casa do Gaiato de Coimbra sita na freguesia e concelho de Miranda do Corvo;

— Casa do Gaiato do Porto sita na freguesia de Paço de Sousa, concelho de Penafiel; ( — Lar do Gaiato do Porto, Rua D. João IV, 682 — Porto;

— Casa do Gaiato de Lisboa, Santo Antão do Tojal — Loures;

— Lar do Gaiato de Lisboa, Rua Ricardo Espírito Santo, 8 — r/c — Dt.º — Lisboa;

— Casa do Gaiato de Beire, freguesia de Beire, concelho de Paredes;

— Calvário (para doentes pobres incuráveis) — Beire — Paredes;

— Casa do Gaiato de Setúbal;

— Lar do Gaiato de Setúbal;  
— Colónias de mar: S. Julião da Ericeira, Azurara e Mira;  
— Quinzenal O GAIATO, Paço de Sousa;  
— Edições doutriniais).

#### CASA DO GAIATO DE COIMBRA

— berço da Obra da Rua

O nome é um feixe de luz que define a instituição, toda simples, original, eficaz.

A primeira Casa a ser fundada, foi a de Coimbra, em 7 Janeiro do ano de 1940, com três pequenos da rua. Pensou-se dar à Obra nascente a feição de Casa de Repouso e ter ali em período de cura o filho do Pardieiro; tendo realmente sido ocupada em primeira mão por rapazitos fracos, recrutados nas zonas pobres. Era trabalho das nossas mãos. O médico examinava. O catraio seguia. A cura fazia-se num instante, com banhos de sol em cordilheiras de leite. Alguns vinham ali tomá-lo pela primei-

ra vez em sua vida. Era um delirar!

O Zézito Teixeira depois de levar a malga ao fundo, grita de contente:

—Ai que vossemecê tem uma cara tão bonita!

Um outro, a fumar de contente, trepa à mesa, dá-nos um beijo na face e revela:

— A gente em casa não toma leite!

Já não podia ser por mais tempo Preventório — o que es-

Cont. na 4.ª pág.

## Tribuna de Coimbra

«A Casa do Gaiato abriu no dia 7 de Janeiro do ano de 1940, com três gaiatos: Mário Diniz, de 11 anos, da Sé Nova, José Araújo de 9 anos e Aristides Araújo de 8 anos, ambos de Santa Cruz, de Coimbra.»

Foi assim que Pai Américo lavrou o termo de abertura do nosso livro de registos.

Há 44 anos começou a rolar esta bola de neve e o que ela tem apanhado pelo caminho! Tantas maravilhas! Tanto «Lixo» abandonado que se transformou em riqueza humana!

Nesta Casa, até este momento, deram entrada 680. Nesta e nas outras Casas já foram milhares. Estes os que beneficiaram mais directamente. E a multidão anónima dos que beneficiam porque amam e ajudam!? Tenho ouvido, muitas vezes, que nas Casas do Gaiato se têm formado grandes homens. Também assim creio. Todos assim acreditamos.

Pai Américo mergulhou profundamente no Amor de Deus e dos homens. Confiou toda a sua acção ao Santíssimo Nome de Jesus. Fora d'Ele não há Salvação. Os que n'Ele confiam não serão confundidos. É Ele o nosso fundamento e a nossa força.

Padre Horácio



## ANIVERSÁRIO

● A Obra da Rua faz quarenta e quatro anos. Não há festa. Somente um relançar pelo caminho percorrido e uma reflexão séria sobre a nossa fidelidade ao seu espírito.

A primeira vista parece-nos um caminho de rosas e arcos de palmeira. Somos assim. Nunca reparamos nos espinhos que o juncam! Experimentou-os bem o nosso Pai Américo — no corpo e na alma.

A cruz fecundou as sementes e deu o crescimento.

Nasceram as Casas do Gaiato, o Calvário, o Património dos Pobres e o nosso jornal O GAIATO.

Sobretudo, Pai Américo ateou um incêndio que atingiu os corações.

Não tanto as casas de pedra..., mas a conversão ao amor e à fraternidade. Os homens entenderam o Evangelho pelo virar das páginas — na rua!

Foi esta a maior vitória e é a maior força. E, meu Deus!, apesar das nossas limitações.

Também, como disse, um aniversário é momento oportuno de reflexão. Sítio de paragem. Local deserto.

A história diz-nos, em tantas páginas, da tendência humana no guiar das Obras de Deus para caminhos fáceis... Elas têm resistido porque são d'Ele.

Não há muito, num país africano, o Senhor serviu-Se dos homens para o varrer de colégios bonitos e mais «obrinhas».

Sacerdotes e irmãos parámos e reflectimos. Muitas irmãs desceram aos bairros. Habitam agora em casas pobres. Escutam e ensinam o povo.

Nada acontece em vão... As igrejas ficaram cheias e as comunidades nunca estiveram tão vivas. Reencontraram-se com o Espírito do Senhor.

O artigo 24 das Normas de Vida dos Padres da Obra da Rua reza assim:

«A sua regra é o Evangelho meditado e praticado na vida interior e também na de relação com o seu semelhante, mormente com os Pobres mais caídos e mais abandonados. O Rapaz da rua, o Doente incurável, a família em desagração — são a sua parte».

Cont. na 4.ª pág.



A primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo — berço da Obra da Rua — abriu no dia 7 de Janeiro do ano de 1940 com três gaiatos.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O homem está debilhado: «Descontaram mais de dois contos de réis no meu ordenado!... Faz-me muita falta!...»

É um corpo franzino. Baixinho. Algo corcovado pelo peso da cruz, ao longo dos anos. Mas nunca vimos cair uma lágrima dos seus olhos — nas horas mais dolorosas!

Enquanto cria os filhos — com tremendo sacrifício — levanta uma casinha à beira da estrada, em regime de Autoconstrução. Hoje, uma parede; amanhã, outra. E chega ao fim! Mais: em colaboração com a vizinhança traz a energia eléctrica para o lugarejo, para a moradia. Uma fortuna! Se já antes o fizéramos — também como recoveiros dos Leitores — tornamos a botar a mão, ficando, no entanto, algo por resolver... Depois, uma filha casa fora de tempo — sem tecto, sem nada! Há que ampliar a moradia... Continuamos a dar a mão!

Éis a brevíssima resenha histórica deste homem simples — um mouro de trabalho! — que todos os dias, antes do sol nascer, como tantos outros no Vale do Sousa, tomam o comboio rumo às fábricas do grande Porto e só regressam à noite.

— Venho muito cansado!... Mas tinha de pedir a vossa ajuda...! O desconto que fizeram no meu ordenado, prò Estado, faz-me muita falta! Contava com mais esses contos de réis pr'abater o que devo, quando pus a luz em minha casa...!

Não faz mais queixas — nem comício! Fala de si, dos seus, da sua cruz. O dinheiro que desconta é sagrado. Sangue de Pobres! Quantos pelo País fora!... Por isso, há que ser aplicado — d'alto a baixo — com muito equilíbrio, com muita sensatez. Até na medida em que ele e tantos outros — repetimos — apesar de não terem quê, são Pobres que procuram resolver familiarmente as dificuldades, a sua promoção social, a maior parte por suas mãos, quase sem ajudas ou bonificações... São a maior Força do País — a alma lusitana — e podem fazer da nossa Pátria, com as potencialidades que temos, uma comunidade de Progresso e de Paz cristã.

● Combalida pela doença, pela idade, requeremos para uma pobre mulher a pensão de invalidez; mas... os papéis andam por lá, a secar! O tempo urge no orçamento doméstico do seu lar!

— Eles não há meio de responderem! Nem me chamam (com'ê que se diz?) à junta médica...!

E perora a nós outros, qual tábua de salvação:

— Eu não sei dar as voltas! Não sei escrever! Façam lá um jeitinho... Escrebam por mim...

São das horas mais tristes, porém as mais deliciosas da nossa vida neste mundo esquecido dos Pobres!

Terão eles de esperar muito mais pela recepção da pensão provisória — pela qual sempre nos batemos? Aliás, deveria estar no corpo da legislação desde o princípio! E

os Pobres jamais pagariam uma factura da qual, afinal, são os verdadeiros credores!

Após escrevermos mais esta página do nosso diário, surge na gazeta oficial, a 23 de Dezembro, o diploma «que garante aos requerentes das pensões da Segurança Social o pagamento imediato de um montante provisório».

No preâmbulo do decreto — para amenizar o que virá... — afirma-se «que a actual situação, no que respeita aos atrasos verificados entre o requerimento e o início do pagamento da pensão, não se pode considerar ainda satisfatório, pelo que se propõe racionalizar e simplificar os procedimentos relacionados com a atribuição das prestações sociais e, nomeadamente, das pensões».

Já não é nada mau fazerem uma mea culpa — o diagnóstico da situação!

O teor do diploma esclarece, ainda, que «podem habilitar-se ao montante provisório de pensão as pessoas que se julguem em condições de lhes serem atribuídas pensão de velhice ou sobrevivência dos regimes de segurança social, desde que, cumulativamente, não sejam pensionistas de qualquer regime de protecção social, não lhes esteja a ser pago montante provisório de pensão, não exerçam actividade profissional remunerada, nem lhes esteja a ser paga qualquer quantia a título de pré-reforma ou equivalente ou não estejam na situação de baixa subsidiada e a receber subsidio de desemprego».

Condicionalismos justos — para se evitarem abusos.

«O montante provisório da pensão — acentua, por fim, o diploma — será igual a 80% do valor legalmente fixado para as pensões definitivas, cabendo ao Centro Regional de Segurança Social da área de residência do interessado a concessão do montante provisório».

Vamos lá a ver se a implementação deste benefício — a nível regional — será mais demorado do que a intenção do legislador. É que, dantes, recebíamos os abonos de família mensalmente; mas, agora, não acontece assim. Máquinas pesadas... são difíceis d'arrancar!

PARTILHA — Parte de um cheque do bom Amigo e assinante 4150, do Porto, pedindo que o ajudemos



Os filhos da Conceição e do Victor — que foi da Casa do Gaiato de Benguela.

«na distribuição que, por imperativo de consciência, pretenderia realizar».

«Pequena lembrança», de Albergaria-a-Velha, «para quem tantas necessidades deve ter» — caso apontado numa das últimas edições.

Dois notas graúdas da Nazaré. Retribuímos os votos endereçados. Covilhã, assinante 12338, vale postal «para ajudar um pouco a vossa acção a favor dos Pobres». Visitante assídua, do Porto, coloca em nossas mãos mil escudos — com um sorriso nos lábios! Uma encantadora e proveitosa remessa de Estremoz, todos os anos assim. Lembranças do nosso querido Alentejo!

Lisboa:

«Nunca mandei nada para a Conferência Vicentina. Agora, que estamos perto do Natal — e tantas ajudas dão às Viúvas pobres e doentes — mando 500\$00. Sei que é pouco, mas para chegar a todos tem de ser pouco, um bocadinho a cada um.»

Assinante 17258, parte de um cheque para uma «renda de casa». Outro, da capital, «importâncias que são ofertas de três pessoas: minha tia, minha irmã e minha também».

Algueirão: Um vale postal de «1.000\$00 para a Conferência, referente aos meses de Novembro e Dezembro (a minha habitual mensalidade de 500\$00) acrescido de outros mil como lembrança do santo Natal. Gostaria que a importância fosse entregue, como habitualmente, a uma senhora idosa e doente».

Carcavelos:

«Junto um cheque para os Pobres da Conferência de Paço de Sousa. Peço uma oração pelos quatro filhos, para que o caminho que encontrarem na vida seja o caminho para Deus. É aquilo que mais peço para eles, também.»

Mãe cristã!

Lisboa:

«Um cheque, destinado à Conferência, para aquilo que entenderem mais urgente nos tantos casos que têm em mãos.»

(...) Oxalá, em breve, se organize, em cada Paróquia, uma assistência a sério e sempre crescente, em todos os aspectos, em relação aos mais carenciados de cada comunidade paroquial...»

Presenças habituais de Durban (África do Sul) e Fundão. Mais Alentejo: Uma assinante de Évora com 2.000\$00 «para as Viúvas com

filhos». Braga, metade do assinante 20881. «Pequena lembrança» de «um Amigo», de Almada. Outra de Braga, Rua Gabriel Pereira de Castro, em cheque, para repartirmos «por todos os casos mencionados n'O GAIATO de 10 de Dezembro — não esquecendo as Viúvas com filhos». Vale do correio de «velha Amiga», de Lisboa, «pedindo desculpa de nesta quadra não poder mandar mais». Aqui está o valor! Vilares (Vila Franca das Neves), de quem serviu os patrões até à exaustão, 500\$00. Deus recompensa!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

NATAL E ANO NOVO — Em nossa Casa o Natal é vivido em festa! Este ano, o sr. Padre Marílio veio preparar-nos para que a gente se pudesse libertar dos nossos pecados. Ele tem uma maneira muito própria de falar sobre as coisas que mexem na nossa alma.

Estávamos todos ansiosos pela chegada da noite. O refeitório enfeitado, todos nós muito alegres — dos mais pequenos aos maiores. Foi a consoada: batatas com bacalhau, doces..., alegria!

Seguidamente, vimos um programa de televisão até chegar a hora da Missa do galo, a verdadeira celebração da festa do nascimento do Menino Jesus.

Depois, foi a hora das prendas. Mais alegria, pois ninguém sabia qual seria a sua prenda. Tomámos, ainda, um copo de cacau e fomos para a cama muito satisfeitos, graças a Deus.

A festa do Ano Novo também cos-

## PENSE

Pense...

Nas mães enganadas,  
Nas crianças desamparadas,  
Nos jovens incompreendidos,  
Nos velhinhos sem lar e esquecidos.

E não esqueça também  
De pensar  
Na poluição que estraga o mar...

Pense...

na qualidade de vida do pescador,  
No trabalho árduo do lavrador,  
Na tristeza da velhinha vestida de [negro],  
Na solidão do poeta.

E não esqueça também  
De pensar  
Na poluição que estraga o mar...

Pense...

No verdadeiro e puro amor!  
No perfume e beleza duma flor!  
Na musicalidade dos verdes campos!  
No Bom Deus e Seus encantos!

E não esqueça também  
De pensar  
Na poluição que estraga o mar...

Manuel Amândio

tuma ser alegre. Diremos na próxima edição. No entanto, aqui vão os votos de Boas Festas para todos os nossos Amigos.

ESCOLAS — Quando escrevo esta notícia ainda faltam alguns dias para terminarem as férias do Natal.

Como nos anos anteriores há sempre o problema dos livros que faltam, por serem novamente editados, ou, então, novos livros devido à mudança de autores. Eles, custam bastante dinheiro e, muitas vezes, são pouco ou nada utilizados pelos professores; e isso chama-se deitar dinheiro fora...

A falta de professores no Ensino Secundário é normal, todos os anos; professores que faltam e alguns que ainda não existem, o que faz com que os alunos cheguem ao final do primeiro período sem uma definição daquilo que valem ou não valem.

Portanto no primeiro período, as notas, já se espera, não serão muito famosas!

José Carlos

## Lar de Coimbra

FÉRIAS — Findo o primeiro período deste ano lectivo, é tempo de se fazer um balanço.

As notas, ainda não saíram — na hora em que escrevo — mas contamos não haver grandes alterações nas avaliações deste período em relação aos anos anteriores.

Haverão notas baixas, mas ainda estamos a tempo de as levantar. Embora este seja um dos períodos com menor duração e, por ser o primeiro, ainda não há tempo de os professores conhecerem as dificuldades e possibilidades dos alunos; de qualquer modo é o «arranque» e os «arranques» têm que ser bons para maior segurança.

Com os livros é sempre um problema que nos temos que preocupar. Na maioria, são renovados todos os anos!! E aqueles que não podemos adquirir através das editoras temos que comprá-los, e cada vez em maior número, pois os estudantes do nosso Lar aumentam, já estamos com 31 rapazes. O problema dos livros tem sido minorado pelas editoras, que, muito gentilmente, nos aliviam a despesa. Bem hajam! Mas, apesar disso, ainda gastámos neles cerca de 30.000\$, além doutro material escolar.

Agora temos que nos preocupar com o segundo período. E os erros do primeiro que sirvam de lição para os seguintes, decisivos para a passagem de ano.

Aproveitemos bem o que a outros é negado por incapacidade ou impossibilidade económica...

MISSIONÁRIOS — Assim chamamos a quatro jovens que se andam a preparar para Padres missionários. Dois são espanhóis, outros dois da América Latina. São nossos vizinhos. Vivem numa parte do nosso Lar velho. De dia estudam e em casa não



ALVARO / av Manuel António Pereira

# Cantinho dos Rapazes

A Liturgia da Palavra no 4.º Domingo do Advento apresentava-nos duas figuras em contraste perante o mesmo sinal da Misericórdia e do Poder de Deus: um, o ímpio rei Acáz; o outro, José, o fidelíssimo Esposo de Maria de Nazaré.

O sinal era o anúncio do desígnio salvífico de Deus a realizar pelo Seu Filho feito homem, concebido e dado à luz por uma Virgem. Acáz fecha-se à iniciativa de Deus, rejeita-a. José recebe-a sem resistir e assume o seu papel no projecto divino. Acáz, nessa mesma hora, «morre» para a História da Salvação. José, sem intervenção da carne nem do sangue, torna-se verdadeiro Pai, de uma fecundidade que o tempo não atinge, tão actual hoje, na sua intercessão em favor de quantos confiam suas vidas à Providência do Pai Celeste, como, «naquele tempo», em prol do seu Jesus-Menino.

A esta luz, eu vejo a razão autêntica da vitalidade da nossa Obra passados 44 anos sobre o seu nascimento e apesar das «muitas misérias de que estão cheios» todos quantos a constituem. Tudo está na aceitação fiel e humilde do que Deus quer fazer mediante os instrumentos desajeitados que Lhe somos. Ele é «o Senhor do impossível!» Não o «enfaste» o homem com as suas razões.

Pai Américo não foi somente o nosso fundador; ele é constantemente a nossa lição. Agarrado pelo Senhor naquele Verão de 1923, trocou, sem retorquir, todas as certezas honestas do que fora a sua vida até ali pela aventura cheia de mistério que se dispôs a viver. Ele não sabia mais nada

senão que Cristo o chamava. «Não posso dizer que O visse com os meus olhos, que O visse com os meus ouvidos, que O tocasse com as minhas mãos pecadoras.» Ainda assim o encontro foi tão evidente que ele próprio designou por «mar-telada» e não pôde recusá-la que ela o marcou para sempre. Sem jamais compreender porquê o Senhor o tinha escolhido, nem por isso tropeçou nos seus pecados «de sete vezes ao dia» nem se demorou a segui-LO. Não, que deixar passar a hora e perdê-LO, isso, sim, seria o fracasso, a sua «morte» para a História da Salvação!

Aí temos, pois, Pai Américo, à semelhança de S. José, um Pai verdadeiro que, sem intervenção da carne nem do sangue, encontrou a fonte da sua enorme fecundidade na aceitação da Vontade de Deus, da Qual se constituiu, com tudo que era, sem nada do que tivera, um instrumento inútil... de que o Senhor quis utilizar-Se — e de que maneira!

Por isso jamais se considerou um homem necessário. A sua palavra de despedida, «a Obra começa quando eu morrer», é o remate coerente de toda a sua vida. E porque essa palavra derradeira é o passarnos o seu testemunho — eis a nossa tremenda responsabilidade!

Aceitar... Aceitar a Vontade de Deus é o nosso verbo. Que ninguém o julgue um verbo de passividade! Como a terra tem de ser trabalhada para receber a semente em promessa de muitos frutos, assim nós temos de ser terrivelmente vigilantes para não deixarmos passar a hora de Deus e acolhermos a mani-

festação da Sua Luz, a comunicação da Sua Força.

Assim daremos ao «Deus-connosco» o Seu lugar no meio de nós.

Padre Carlos

## Correspondência de Família

«Vendas Novas, Dezembro /83

Irmãos gaiatos:

Falar do Natal não é fácil... Todos nós poderíamos fazer do Natal um dia de amizade familiar, universal, se os homens que conduzem o Mundo tivessem a humildade de se juntarem, durante um único dia, ao povo humilde que sofre com a guerra e a fome que alastra por todo o Globo. Lembro uma frase do nosso Padre Telmo: «Nunca os grupos armados são a verdadeira face dum povo».

Para nós, gaiatos, a festa de Natal tem um sabor muito diferente. É uma Festa de família e de amor por todos quantos sofrem os horrores da guerra, da doença e da fome provocados pela maldade e pelo ódio de meia dúzia de homens.

Se os homens fossem como Pai Américo, que, sem dinheiro, conseguiu produzir amor e fraternidade, o Mundo seria então o paraíso que todos desejamos.

O dinheiro gasto em armas seria o Natal diário de milhões de crianças — se os homens sentissem o verdadeiro significado do Natal.

Irmãos gaiatos, vamos continuar aquilo que sempre fomos e olhemos em nossa volta para ajudarmos os mais pequeninos a serem verdadeiros homens, os doentes a sofrerem menos e os que passam fome a terem fé e esperança de que um dia o seu Natal também chegará.

Recordemos as nossas Casas de África como um símbolo de paz e do amor que tiveram para com tantas crianças esfomeadas de amor e carinho. Olhemos para os doentes do Calvário como se um de nós, com saúde, estivesse no seu lugar. O meu particular abraço para todos eles e Padre Baptista.

Que todos nós, ao olharmos para os nossos Padres da Obra da Rua, tenhamos a sensibilidade de que estamos na presença do nosso tão querido Pai Américo.

Para todos, o abraço do vosso irmão e um feliz Natal.

Manuel Fernandes»

### RETALHOS DE VIDA



## Miguel

Eu sou natural da Lousã e chamo-me António Miguel. Cá em casa tratam-me só por Miguel.

Estive a viver com os meus pais até aos 9 anos. E como eram doentes e não podiam sustentar 8 filhos, alguns tiveram de ser adoptados por pessoas de família e pessoas amigas. Eu vim para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. A minha mãe morreu com um cancro nos pulmões e os meus pais eram vizinhos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Eu gosto de cá estar.

Também um dos meus irmãos esteve na Casa do Gaiato de Beire, mas pouco tempo. Agora, muitas vezes não sabemos dele!

Eu fiz o Ciclo Preparatório. Sou serralheiro civil e também vendedor de O GAIATO há muitos anos, em Coimbra e Mealhada, onde tenho muitos amigos e recebo muitos carinhos. Agora também distribuo O GAIATO na Lousã e em Miranda do Corvo.

Gosto de ser serralheiro e vendedor do jornal. Mando muitos cumprimentos para os leitores de O GAIATO.

Miguel

# PARTILHANDO

■ Cinco dos nossos pequenos vendedores de O GAIATO apareceram aqui, segunda-feira, cada qual com sua pistola. Brinquedos de Natal... feitos no Japão, na Alemanha, na Espanha, etc. Pois claro, importados! E comprados por iniciativa deles, no Porto. Chamei-os à razão. Deu-se-lhes um castigo pelo abuso de confiança. E proibimos as pistolas de brinquedo cá em Casa — a compra, uso e abuso. Mas não podemos é proibir a importação...!

O pai Natal já aí está; os brinquedos, também, e os ideais burgueses da abundância, ilusórios, a criarem necessidades... da fome e da revolta!

A TV falou das pistolas espanholas — que podem matar. Nós queremos que a TV diga que todos os brinquedos e filmes de guerra e violência são imagens de morte, de fome e de miséria.

Hoje fala-se da guerra pela Paz, das bombas pelo medo. Dá-se ajuda por interesse. Amor pela morte?... Não! Não pode ser...

Não deviam importar pistolas, nem os brinquedos do velho pai Natal nem os seus ideais... O nosso Menino Jesus é Novo e Pobre — e os nossos meninos precisam de Paz, Pão e Amor!

■ O Lourencito que faz a limpeza de uma parte da casa-mãe, vem dizer-me que uma senhora quer falar. De chaile e lenço e sapatos pretos, apresenta-se como sendo de Famalicão, viúva e reformada. Pobre e «a viver num barraquinho onde entra a chuva!» Disse mais: «Quis vir pe-

nitenciar-me e ver isto... Por isso não mandei pelo correio. Vocês andam com muitas obras! Isto está mais bonito! Entrego 1.000\$00 para o Natal dos meninos. A miséria d'hoje é mais do espírito... Da pequena reforma eu poupo e distribuo por vós e outros mais...» E disse muito mais! A minha boca calou-se para que os ouvidos ouvissem tudo... Que os Pobres devam ajudar os Pobres e não devemos mostrar o que damos aos outros.

Esta mulher veio, em penitência, dar um sacrifício de si e do que é seu! Ela tão cheia de sacrifícios e pobreza! O dia estava tão frio do nevoeiro deste Inverno! Os seus agasalhos tão pretos, da cor da solidão! O seu espírito de tão humanizado e cristão tinha o brilho claro de uma nevada que queima a terra e aquece o ar. De tão pobre que é, pensa que há sempre alguém mais pobre ainda por quem deva distribuir a sua riqueza! A riqueza do seu espírito, talvez analfabeto, mas sábio, a par dos dons de generosidade que o coração sofrido mas sem mágoa é capaz de produzir. A riqueza dos Pobres é assim!

Aqui deixo este exemplo humano bem vivo — por tão necessário como incompreendido aos olhos de muita gente dos nossos dias. Pobres dias de um amanhã mais pobre por tais exemplos serem apreciados como pertença do passado! E disse: «A miséria de hoje é mais do espírito». Para ver, ouvir... entender e viver!

Padre Moura

param entre o trabalho e o estudo. Modificaram salas, etc. E não descansaram enquanto não transformaram a sala maior em Capela. Fomos à inauguração. Havia lá lugar para todos. Admirámos a beleza simples da decoração, pois a simplicidade é uma virtude e dela fazem lei. A beleza dos objectos decorativos tem mais valor porque foram construídos por eles. Quando nos encontramos, falamos no seu português espanholado. De vez em quando, jantam connosco e é vê-los contentes a saborearem a comida portuguesa.

Há sempre alegria no rosto daqueles quatro jovens que devotaram a sua vida ao serviço dos irmãos. Um exemplo a seguir!

Chiquito-Zé

### MIRANDA DO CORVO

NATAL E ANO NOVO — Estamos a viver, com muita alegria, mais um Natal e Ano Novo em nossas Casas.

Terminadas as aulas do primeiro período, mudamos o lugar de traba-

lho e, durante as férias, preparamos o nosso Natal, fazendo melhor a limpeza das casas, do vestuário, etc.

Os nossos Amigos que vêm de longe à nossa Missa do galo enchem sempre a Capela e a Casa. É sempre bom, para nós, reunirmo-nos para rezar e louvar o Senhor.

O dia de Natal é todo de festa e na Missa e na mesa tudo é Natal.

Depois vem o Ano Novo. Tudo é enfeitado e aseado. Nesse dia provamos as deliciosas boroinhas e uma boa refeição à noite. Ficamos na esperança de vida nova e melhor para todos — e para os nossos Amigos também.

ANIVERSÁRIO — No dia 7 de Janeiro festejamos o aniversário da nossa Casa e da própria Obra da Rua.

Alguns rapazes mais velhos, já casados, vêm até nós festejar a data que nos toca muito, porque outrora éramos «Lixo da rua» e agora procuramos ser Homens.

É sempre um dia bem passado para aqueles que admiram e amam a Obra da Rua e o seu principal obreiro — Pai Américo.

Adelino

# SETÚBAL

Os impostos são assunto de conversa ou motivo de queixas e desabafos de quase todos os que nos visitam nesta quadra natalícia.

Eles são já, evidentemente, uma das moedas de troca da euforia instalada, há anos, no coração da maior parte dos portugueses por uma classe dirigente nada diferente, em zelo, daquela a que sucedeu.

Quando, há meses, assistia na capital a uma palestra sobre o novo Código de Direito Canónico, o professor insinuou a necessidade de fazer entre nós a moralidade dos impostos e carregava na obrigação de os pagar. O dever para com o fisco seria moralmente grave, obrigando em consciência. Os padres — como orientadores espirituais — deveriam tomar a peito esta questão.

Eu não concordei totalmente com o modo de expor; e como homem pobre ao serviço dos Explorados quero ter aqui uma palavra.

Não duvidamos que as obrigações fiscais assumem carácter de justiça — que não deve ser minimizada — pois que ao Estado incumbem inumeráveis deveres para com todos os cidadãos. Mas se o aparelho servido pelo fisco não cumpre esses deveres, e, se o simples cidadão não tem meios para exigir a satisfação dos seus direitos, como pode ele ser obrigado, em consciência, a carregar com o peso dos impostos se os seus recursos forem reduzidos?

Mas há mais: Normalmente, os sábios, os ricos e poderosos arranjam sempre maneiras subtis de fugirem às obri-

gações fiscais. Os ignorantes e os pobres chegam, até, às vezes, a pagar o que nem sequer lhes é exigido, ou melhor, o que a lei os isenta — e ninguém os esclarece!!

Não se venha dizer que noutros países a carga fiscal é superior à nossa. Não! Para haver justiça é necessário analisar a correspondência dos serviços oficiais e comparar a competência e a eficácia daqueles serviços com os nossos.

Entre nós é uma lástima em vários domínios das obrigações do Estado para com o cidadão! Não cabe num apontamento como este descer a pormenores. Basta olhar rapidamente para os campos da saúde, do ensino, da justiça, da segurança, da agricultura para observarmos serem excepção os servidores do Estado, e consequentemente do cidadão, que cumprem os seus deveres. A maioria alheia-se, completamente, numa situação de indiferentismo e apatia repugnantes.

Os serviços públicos que utilizamos, ou melhor, que nos deveriam servir e pagamos

## OBRA DA RUA

Cont. da 1.ª pág.

tava talhado para ser Casa do Gaiato! Ninguém tinha alma de mandar embora o pequenito curado! Mudou-se de opinião. Alargou-se a Obra para receber mais gente que era justamente o problema:

Comprou-se uma casa contígua, pela morte do seu dono. Mais outra, anexa, por troca. Um terreno para construir a nossa capela. Igualmente outro, de cultura, para dar que fazer. Instalámos luz. Fomos buscar água a meio quilómetro. Trouxe-se de gados, de alfaias, de ferramentas. Pedimos um posto de ensino ao Ministro da Educação Nacional. Doía-nos a sorte da criança abandonada!

O número de habitantes sobe. No fim do ano eram uns dezoito. Casa de Repouso, Preventório — projectos iniciais — tudo foi riscado. Acabou-se o repouso do doente, a tosse, o termómetro, as injecções, a vi-

## Mais um pedido aos nossos Leitores

Sempre que resolvam escrever-nos — pela assinatura de O GAIATO ou por livros da Editorial — tenham a bondade de indicar os vossos nomes tais quais vão no endereço do jornal e até mesmo o número das respectivas assinaturas. Assim, facilitam o nosso trabalho. Desculpem a insistência! Muito obrigado.

*W. Amín: 5!*

(in O GAIATO n.º 4, de 16 de Abril de 1944)

## Livro VIAGENS

2.ª edição  
(reordenada e aumentada)

Pai Américo relata, nesta obra, suas viagens ao Brasil, Açores, África e Madeira:

«Tal como naquela hora, eu vejo e sinto as pessoas, os lugares, panoramas, coisas, tudo; de tal sorte que o ler e o viajar são uma e a mesma coisa.

Nada se esconde do que se pode dizer. Nada se diz do que se deve esconder. Acho isto uma fórmula honesta e por ela me guiei.

Como os outros saídos das nossas mãos, também este Viagens vai ser um livro de horas. Horas de meditação. Em todas as suas páginas, à maneira que andamos, teremos ocasião de ver o Criador no meio da Sua Criação. E é isto justamente o que vai faltando na literatura do nosso tempo. A técnica pretende resolver sem a presença e actuação de Deus; daí ser tudo vazio...»

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

bem caros, são minados por uma mentalidade de «asilão», sem noções de justiça e de responsabilidade. A corrupção é mentalidade que insensivelmente vai corroendo o funcionário da Res-Pública de cima abaixo. Até mesmo os cristãos menos atentos às exigências evangélicas da sua Fé se deixam arrastar pelo desfiladeiro corrupto e recebem o seu ordenado como um privilégio vindo do Olimpo e não como a justa paga do seu trabalho. Como poderão os mais responsáveis pela economia do País pregar e exigir eficazmente austeridade, se eles próprios, aos olhos de toda a gente, se não privam dos banquetes, dos almoços e das passeatas franqueadas a compadres de dentro e de fora, a títulos tantas vezes fictícios do interesse nacional?

O dinheirinho dos trabalhadores honrados e honestos deveria merecer mais respeito.

Quando contemplo o crescimento da miséria entre nós, e a sinto bater às nossas portas mendigando pão, remédios, agasalhos — como antes dos anos 60 — estremeço e interrogo-me a mim próprio: — Que será preciso fazer para abrir os olhos da sensatez, da justiça e do «rigor»?

Padre Acílio

## Aniversário

Cont. da 1.ª pág.

É assim. É tudo.

Paremos mesmo à beira do caminho. Sentados no pó e humildes diante do Senhor seguiremos bem em nossa vida interior o Evangelho todo.

Depois, o primeiro passo e todos os outros só terão sentido na relação profunda e total com «o Rapaz da rua, o Doente incurável e a família, em desagregação».

É o essencial. A «melhor parte» que todos nós, obreiros do Senhor na Obra da Rua, devemos, corajosamente, abraçar.

● Tão a propósito, neste aniversário, pomos em cima do alqueire esta notícia feliz:

Desenha-se na multidão dos nossos Amigos, para além do dar a mão, um carinho crescente pelos valentes Auto-construtores.

Também, a par daquela, esta luzinha:

Na última reunião dos pais da Obra da Rua ficou assente dar a cada gaiato que quisesse construir a sua casinha, uma ajuda em materiais. Cada Casa do Gaiato aos seus — das migalhas que se reparam.

Padre Telmo

## Novos Assinantes de O GAIATO

A procissão não esmorece, não enfada nem se repete! Graças a Deus.

Hoje vai um pouco mais engalanada, que é maré de Natal — e aniversário da Obra da Rua. São almas vivas, e, por onde passam, deixam um rasto de luz da Luz!

Pardelhas (Murtosa):

«Como o prometido é devido, junto outra remessa (mais 56 novos assinantes da região de Aveiro) e outras seguirão, se Deus quiser. Mas queria, se pudesse ser, enviassem a estes assinantes o último número de O GAIATO — pelo testemunho que ele traz.

Quero também pedir para agradecerem a este amigo bancário que, no seu tempo livre, passou os endereços à máquina. Será um estímulo e, para mim, outra vontade de lhe pedir a sua colaboração.»

Elvas:

«Sou a assinante 13128. Venho já pagar a minha assinatura de 1984.

Hoje era o dia dos anos de meu marido e fui também baptizada a 14 de Dezembro.

Como ele faleceu, este dia é para mim de muita saudade! Quero passá-lo a distribuir o que recebi de Deus.

A parte doutrinal de O GAIATO tem sido para mim uma grande ajuda! E ao mostrar esses pensamentos — como eu lhes chamo — consegui um assinante de Évora...»

Que bom pararmos aqui, nas históricas muralhas elvenses! A beleza do aqueduto, o parque da Piedade, a brancura do casario, o verde-prata dos olivais e das azinheiras, a planura sem fim do Alentejo! Nuestros hermanos na banda de lá do Caia, em Badajoz; a portuguesíssima Olivença — carne da nossa carne, sangue do nosso sangue, que mantém vivo o seu amor à Pátria de todos nós!

Após o desfile de alguns pendões é o resto da procissão, de Norte a Sul e além-fronteiras: uma coluna da região de Aveiro, já referida, e Rebordões (Santo Tirso), Horta (Açores), Vila Nova de Gaia, Penafiel, Anadia, S. Cosme (Gondomar), Guimarães, Covilhã, Novelas (Penafiel), Almada, Miranda do Corvo, S. Pedro de Alva, Figueira da Foz, Setúbal, Mem Martins, Cortegaça, Odivelas, Trofa, Candal (V. N. Gaia), Coimbra, Porto, Lisboa e Boksburg (África do Sul).

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef: 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Dezembro: 49.787 exemplares.